

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

SANZ (Carlos). — Reprodução fac-similar da **Bibliotheca Americana Vetustissima. A Description of Works Relating to America Published Between the years 1492 and 1551**, New York, 1866, 519 páginas e **Additions**, Paris, 1872, 199 páginas, por Henry Harrisson, Libraria General Victoriano Suarez, Madri, 1958.

Após exaustivas pesquisas nos arquivos públicos e particulares, nos museus e nas bibliotecas, principalmente da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte, conseguiu Henry Harrisson realizar um estudo crítico de 432 livros e folhetos estampados desde 1492 até 1551 sobre a história da América, trabalho este que publicou em dois volumes. O primeiro intitulado **A Description of Works Relating to America** editado em New York em 1866 e o segundo tendo por título **Additions**, estampado em Paris em 1872.

A obra é dedicada a Samuel Lathan Barlow, que foi quem guiou Harrisson nos seus primeiros passos no âmbito de livros antigos sobre as primeiras páginas da história do Novo Mundo, e quem também se comprometeu a pagar as despesas com a publicação de 501 exemplares do primeiro volume.

Este trabalho de Harrisson, não só pela limitada tiragem, mas principalmente pelo seu inegável mérito, tornou-se obra raríssima, sendo que os exemplares que até agora apareciam nos mercados de livros raros eram disputados pelos americanistas, pagando os compradores avultadas quantias.

Desse modo, Carlos Sanz publicando agora em fac-símile essa monumental obra de Henry Harrisson, presta um inestimável serviço à cultura e, em particular, aos estudiosos da história do Novo Mundo, que podem agora com facilidade adquirir por baixo preço a obra prima que inegavelmente imortalizou "o princípio dos americanistas".

T. O. MARCONDES DE SOUZA

* * *

RANDLES (W. G. L.). — *L'image du sud-est africain dans la littérature européenne au XVI^e siècle*. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Lisboa, 1959, 240 págs. e 7 cartas.

"Se a influência da Europa sobre a África exerceu-se vigorosamente na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, foi no século XVI, em compensação, que a Europa foi mais fortemente impressionada pela África. As descobertas davam ciúmcio a velhos problemas concernentes ao continente negro e revelavam outros tantos, cuja existência ainda não fôra suspeitada; a imagem do continente africano impôs-se ao pensamento europeu; o

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores o envio de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

gôsto do tempo pelo exotismo encontrou abundante material para alimentar-se; descobriu-se, enfim, o fenômeno do homem primitivo & os problemas por él suscitados quanto à natureza do homem. Tudo isto agitou a Europa do século XVI". Condensam-se nestas palavras os principais temas versados no volume de W. G. L. Randles. Trata-se de uma tese defendida na Sorbonne, em 1958, o que explica o modo de proceder do Autor, evitando repetir o que antes já fôra publicado por outros especialistas — tais como Theal e Axelson — mesmo correndo o risco de dar a "impressão de falta de equilíbrio e de continuidade".

Suas fontes buscaram-se apenas entre as obras impressas do século XVI, deixando-se de lado os "documentos", publicados ou não, e que continham informações comunicadas apenas aos funcionários e administradores portuguêses; é isto porque o objetivo do Autor limitava-se ao que o leitor médio europeu pudesse conhecer do assunto, na época em questão.

Na primeira parte, referente à terra africana, chama-se a atenção, antes de tudo, para as concepções dominantes, no século XV, relativamente ao prolongamento para o sul do continente africano: a ptolemaica e a macrobiana. Através destas teorias, por outro lado, já entramos em contacto com amplas esferas culturais, tais sejam o mundo greco-romano — no qual elas originaram-se — e os árabes — responsáveis pela transmissão da geografia de Ptolomeu ao Ocidente cristão. A preocupação em enfrealçar elementos de diferentes origens é, mesmo, um dos mais simpáticos traços do volume. A extraordinária clareza do estilo, atribuindo à obra uma coloração didática, accentuada pelos capítulos curtos, cada um dêles com conteúdo bem delimitado — a começar pela descriminação dos tópicos a serem tratados — nos engana a princípio. A simplicidade da estrutura é tal, que parece não proporcionar uma visão de conjunto do tema escolhido, bem como sua articulação no panorama histórico do período. Sómente após terminada a elitura, percebemos que, na verdade, nada disto foi perdido de vista pelo Autor. Assim é que, além da Antigüidade clássica e dos árabes, não se esqueceu dos chineses, que teriam visitado a costa da África oriental, no século XV, e cujas viagens chegaram ao conhecimento dos europeus por intermédio dos muçulmanos. Isto para não falarmos de outros ocidentais, além de portuguêses. Na realidade, bem pouco podemos dizer quanto às idéias geográficas dos lusos às vésperas das grandes descobertas, exigindo-se o recurso aos italianos, para termos noções mais claras do conhecimento relativo à África entre os cristãos do século XV. Mesmo depois de atingirem um elevado nível de precisão em sua ciência náutica, os portuguêses continuaram a imaginar a África como voltada para o oriente, segundo a doutrina de Ptolomeu, e este êrro persistiu até a viagem de Vasco da Gama; mas foi sómente após a expedição de Pedro Álvares Cabral que surgiram as primeiras cartas da África com os contornos revelados pelas descobertas.

A África austral, antes da descoberta da América, aplicava-se a idéia de "Novo Mundo", correspondendo ao ingresso no hemisfério

sul, à revelação de novas estrélas, à certeza de se poderem atingir os antípodas e de serem êstes habitados, conforme supunham já os autores clássicos (pág. 19-20). Tocamos, aqui, num ponto de alto interesse para a própria história do Brasil, porquanto os povos antípodas foram depois identificados com os indígenas brasileiros, tidos como vivendo "no mesmo estado de inocência que caracterizara Adão e Eva no Paraíso". Germina daí a crença no "bom selvagem", em associação com a da existência do Paraíso Terrestre, localizado em regiões austrais; estas, por sua vez, no século XVI, apresentavam-se de forma bem confusa à mente européia, tanto assim que, na França, provavelmente talvez não se fizesse distinção entre África do Sul e Brasil. Ambos confundiam-se com os antípodas do mundo austral (pág. 160).

Opondo-se ao "bom selvagem", desenvolveu-se também a idéia do "mau selvagem", inspirada nos negros africanos, em geral, e nos hotentotes, em particular. Mais uma vez impõe-se o entrosamento com o patrimônio de tradições legadas por outros povos ao Ocidente cristão, pois "as observações malévolas concernentes ao negro africano ligam-se, tanto às tradições clássicas e orientais, quanto à experiência direta dos portuguêses". De tôdas as regiões africanas então visitadas pelos lusos na África austral, o Monomotapa foi, sem dúvida, a mais interessante. Este reino, também chamado Benemetapa, ou Benemetaxa, tomou o lugar do reino do Prestes João no mundo imaginário europeu, especialmente após a publicação da **Cosmographie Universelle**, de Thévet, em 1575. Foi então que "a lenda do Prestes João tornou-se um mito do tipo Monomotapa dos séculos XVI e XVII: um reino exótico, fabulosamente rico, nas terras desconhecidas do interior da África" (pág. 91). Como freqüentemente sucede, a realidade era bem diferente, e quando a lenda do Monomotapa, no século XVII, atingiu proporções fantásticas, o Império africano resvalava para os últimos estágios de uma completa decadência. Caberia ao século XIX iniciar as críticas das tradições, pondo as coisas em seus devidos termos.

Acentuemos que apenas destacamos alguns dos tópicos tratados pelo Autor. Sua monografia é muito bem informada, valendo por um verdadeiro manual dos conhecimentos da Europa acerca da África meridional durante o século XVI.

PEDRO MOACYR CAMPOS



FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — (sob a direção). — **Brasiliensia Documenta.**

Recentemente acabaram de sair do prelo em São Paulo os dois primeiros volumes de uma nova série, intitulada **Brasiliensia Documenta**, que por motivos vários merecem a atenção não sómente do público culto em geral, mas especialmente de historiadores, naturalistas e bibliófilos.